Universidade de Brasília - UnB

FEF - Faculdade de Educação Física

Curso de Licenciatura em Educação Física

Questões de gênero e sexismo na prática do futsal feminino na escola

Tiago Costa Santiago

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Aldo Antônio de Azevedo

Brasília

Junho, 2017

Universidade de Brasília - UnB

FEF - Faculdade de Educação Física

Curso de Licenciatura em Educação Física

Questões de gênero e sexismo na prática do futsal feminino na escola

Tiago Costa Santiago

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física da Universidade de Brasília.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Aldo Antônio de Azevedo (Orientador - Titular) – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Lino Castellani Filho (Titular) – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Jonatas Maia da Costa (Suplente) – Universidade de Brasília

Brasília

Junho, 2017

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS

INTRODUÇÃO 7

Capítulo 1- Futebol, Futsal e Gênero: interfaces com o universo feminino.10

1.1- Universo feminino da bola 10

1.2- O gênero e suas formas 13

1.3- A Educação Física, seus estereótipos e o preconceito 17

Capítulo 2- Metodologia 23

2.1- Caracterização da pesquisa.....23

2.2- Público-alvo e procedimentos de pesquisa 24

Capítulo 3- Análise e interpretação das informações 26

3.1- Histórico no futsal 26

3.2- Ídolos e a influência da mídia.....27

3.3- Relacionamento com a Família 29

3.4- Práticas corporais e o corpo feminino.....31

3.5- Preconceito, discriminação, homossexualidade e sexismo.....32

CONSIDERAÇÕES FINAIS 44

REFERÊNCIAS 48

APÊNDICE 51

Instrumento 51

Questionário.....53

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Ídolos no futebol.....28

Tabela 2- Assiste jogos.....29

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Tempo que pratica futsal.....26

Gráfico 2- Pratica futsal apenas com meninas fora da escola.....27

Gráfico 3- Posicionamento dos pais sobre as filhas jogarem futsal/futebol.....31

Santiago, Tiago Costa. Relações de gênero e sexismo na prática do futsal na escola. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Orientador: Prof. Dr. Aldo Antônio Azevedo.

RESUMO

A Educação Física é uma área rica para discussões sobre questões de gênero e diferenças, em especial, nas instituições escolares. Porém, existem poucos estudos que abordam relações de gênero, homossexualidade, sexismo e, especificamente, a discriminação feminina na prática de esportes na escola. Tem-se percebido que situações de preconceito, estereotipia, discriminação e desigualdade são evidentes na prática do futsal/futebol por meninas na escola e na sociedade como um todo. Diante da relevância do conhecimento das diversidades presentes em práticas corporais e esportivas e a inclusão da mulher nesse universo, esta pesquisa teve por objetivos: identificar nas respostas das meninas que praticam futsal nas escolas questões relacionadas a diferenças de gênero, o preconceito presente no futebol feminino e os estigmas associados a esse esporte considerando a reprodução de padrões de dominação masculina presentes no esporte e como, na visão delas, o professor de educação física lida com a questão de tais diferenças, preconceito, inclusão e exclusão de grupos na prática do esporte (futsal) na escola. As informações obtidas por intermédio de um questionário estruturado com 15 questões aplicado à 30 alunas de duas escolas que praticam futsal apontou, por exemplo, a grande dimensão da homossexualidade na modalidade, notória quando a grande maioria das entrevistadas afirma haver um número elevado de lésbicas que praticam futsal. Além disso, o comportamento homofóbico de algumas atletas da pesquisa foi surpreendente, embora tenha prevalecido a compreensão e o respeito da maioria sobre a orientação sexual das homossexuais. As jogadoras têm consciência das relações de poder presentes no futebol, poder este que, desigual, resulta das relações de gênero historicamente presentes na sociedade, o que faz com que as mulheres sejam colocadas como coadjuvantes da história do futebol. No Brasil, onde o futebol é uma identidade nacional, as mulheres ainda não têm visibilidade, tornando-se mais um espaço a ser conquistado por

elas. Neste sentido, em se tratando de Brasil, denominado o país do futebol, torna-se necessário pensar o quanto este esporte ainda é, para as mulheres, um espaço a ser conquistado, de forma a afirmar que este é também feminino. Um espaço de sociabilidade e de exercício de liberdades. Há muito que se discutir sobre o futebol feminino, pois é um espaço que ainda necessita de maior atenção por parte de pesquisadores sociais, e o presente estudo representa apenas uma pequena contribuição nessa direção.

Palavras-chave: Futsal feminino, gênero, preconceito, homossexualidade

INTRODUÇÃO

São crescentes as discussões e debates sobre gênero, preconceito e mulheres praticando esportes. Porém, conforme afirma Fabiano Devide (2005, p.24), “[...] no Brasil ainda é recente a produção de estudos sobre as mulheres no esporte a partir de uma perspectiva de gênero, o que torna difícil estabelecer uma trajetória sobre as características das pesquisas efetuadas na área”.

É muito comum as pessoas definirem determinadas modalidades como “esporte de homem” e “esporte de mulher”, como por exemplo denominar o vôlei como um esporte dominado pelas mulheres e o futebol/futsal como modalidade de domínio masculino. Esse é um exemplo de preconceito de gênero, no qual se quer delimitar o tipo de esporte que o indivíduo deve praticar de acordo com o seu sexo e não através do desenvolvimento corporal nas modalidades esportivas, independente de gênero.

Em relação à prática do futebol/futsal feminino, se trata de uma modalidade em grande ascensão, não só pela popularidade da seleção feminina nas olimpíadas como também pela medida da Conmebol exigindo que os clubes que forem disputar a copa libertadores tenham equipes femininas. Mas, por se tratar de uma modalidade historicamente de dominação masculina, o futebol feminino ainda sofre por ser “invisível”, devido à baixa divulgação da mídia, e com valores negativos, como o preconceito e estereotipia. E tais valores tem influência também nas escolas, uma vez que, “essas relações configuradas sob influência dos estereótipos sexuais repercutem no esporte escolar e de rendimento e nas aulas de Educação Física, interferindo da prática esportiva” (SARAIVA, 1999, p,87).

Diante desse contexto, este estudo busca responder a problemática: Quais as percepções das relações de gênero e preconceito em um grupo de alunas de escolas do DF que praticam futsal, considerando o fato desse esporte historicamente ser de dominação masculina?

Desta forma, essa pesquisa teve como objetivo identificar nas respostas das meninas que praticam futsal nas escolas questões relacionadas a diferenças

de gênero, o preconceito presente no futebol/futsal feminino e os estigmas associados a esse esporte considerando a reprodução de padrões de dominação masculina presentes no esporte.

Outro ponto importante que a pesquisa procurou identificar, também no relato das meninas, como, na visão delas, o professor de educação física lida com a questão das diferenças de gênero, preconceito, inclusão e exclusão de grupos na prática do esporte (futsal) na escola.

Diante da maior comoção a respeito do preconceito que atinge as mulheres, da evolução e maior notoriedade do futsal/futebol feminino, tanto no âmbito profissional quanto nas aulas de educação física nas escolas, esse estudo de pesquisa busca apresentar as situações adversas que as meninas que praticam futebol/futsal enfrentam; as relações familiares e sociais, a fim de entender se há incentivo e o que pensam a respeito do futebol/futsal feminino; analisar o crescimento da modalidade fazendo um paralelo entre como era quando começaram a jogar e como é atualmente.

Para o desenvolvimento do presente trabalho foram utilizadas como técnicas, a pesquisa bibliográfica e um breve estudo de campo em duas escolas, a partir da coleta de dados por intermédio de um questionário, aplicado a dois grupos de futsal feminino. A pesquisa bibliográfica baseou-se em publicações científicas com os temas futsal e futebol feminino, gênero, estereótipos, preconceito, discriminação, homossexualidade e homofobia. A pesquisa de campo teve como objetivos, identificar o perfil das meninas, sua visão do futsal/futebol feminino e as implicações dessa prática nos grupos e nas relações sociais.

Este trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro trata, brevemente, do futebol, do futsal e da noção de gênero, considerando as interfaces com o universo feminino no mundo da bola. Também, o debate se estende ao campo da Educação Física, onde as formas de gênero, estereótipos, preconceito, discriminação, homossexualidade e homofobia surgem como temas de discussão. O segundo capítulo descreve a metodologia utilizada na pesquisa, reportando as questões éticas e os procedimentos realizados. Por fim, o terceiro capítulo traz uma análise dos resultados apresentados, considerando as teorias

e alcance das mesmas. Desse modo, houve a tentativa de identificar situações e analisa-las, a partir das contribuições de autores, além de estender as discussões para o âmbito da família, mídia, práticas corporais, além de outros aspectos apontados pelas jogadoras.

CAPÍTULO 1

Futebol, Futsal e Gênero: interfaces com o universo feminino

1.1 - Universo feminino da bola

O futebol é um aspecto imprescindível para entender a sociedade brasileira. A mobilização motivada por esse esporte estabelece relações sociais democratizantes na medida em que reúne pessoas de origens diversas em torno de um assunto sobre o qual todos opinam de forma legítima. O futebol atua na construção de uma identidade nacional que se opõe à diversidade individual e influencia o processo de construção do corpo e da cultura masculina (GUEDES, 1998, p.27).

A afirmação feminina nesse espaço eminentemente masculino ainda é recente, porém houve uma rápida e impressionante expansão desse esporte entre as mulheres, mundialmente registrada a partir da década de 1980. (FRANZINI, 2005, p.1).

O número de mulheres brasileiras que hoje praticam o futsal/futebol, em clubes e áreas de lazer, aumentou consideravelmente se comparado às décadas anteriores. Tomando por base o Distrito Federal, hoje existem diversas equipes que disputam competições amadoras e escolinhas de futsal voltadas apenas para mulheres, algo que há alguns anos era praticamente inexistente.

Pelo pouco apoio e falta de verba, os times de futsal/futebol do Distrito federal são todos amadores. Sendo assim, as equipes não pagam salários às suas atletas. Mas visando oferecer alguns benefícios às mesmas, algumas equipes vão em busca das mais variadas parcerias com outras instituições para oferecerem benefícios para as jogadoras. Os mais comuns são bolsas de estudos em universidades particulares e atendimentos em clínicas de fisioterapia e nutrição.

A legislação contribuiu para que o processo de entrada da mulher no esporte mais praticado no país se desse apenas no final da década de 1980. Durante a ditadura militar, o Conselho Nacional de Desporto (CND), através da resolução número 7/65, proibiu as mulheres de praticarem lutas, futebol, polo

aquático, polo, rugby e baseball. Médicos que na época se dedicavam à medicina esportiva e que escreviam artigos nos jornais, alertavam sobre as consequências traumáticas e o comprometimento dos órgãos de reprodução se esta prática esportiva fosse adotada pelas mulheres. Somente em 1986, o CND reconheceu a necessidade de estímulo à participação das mulheres nas diversas modalidades esportivas do país (FRANZINI, 2005, p.2).

Tomando a situação do Brasil como exemplo, não só dessa expansão, como também do sucesso do futebol feminino, temos os Jogos Pan-americanos Rio (2007), que mostraram a capacidade das meninas da seleção ao conquistarem a medalha de ouro, além dos dois vice-campeonatos nas olimpíadas de 2004 e 2008 e um vice-campeonato mundial de futebol feminino (2007). Além disso, a brasileira Marta, disputou 11 vezes o prêmio de melhor jogadora do mundo, vencendo em 5 oportunidades.

Em relação ao futsal, a prática feminina foi autorizada pela Federação Internacional de Futebol de Salão (FIFUSA) em 23 de abril de 1983. Após 25 anos observa-se uma evolução significativa: em âmbito nacional, além da tradicional Taça Brasil de Clubes, formou-se pela primeira vez uma Seleção Brasileira do gênero mais precisamente em 07/12/2001 e promoveu-se, em 2002, o I Campeonato Brasileiro de Seleções. Atualmente no Brasil parte das atletas, é remunerada para treinar e competir em futsal (SANTANA; REIS, 2003, 46).

Ainda com mais conquistas, o futsal feminino tem amplo domínio mundial. A equipe brasileira é hexacampeã mundial e tetracampeã sul-americana. E assim como no futebol de campo temos a Marta que foi eleita seguidas vezes melhor do mundo nos campos, nas quadras de futsal a jogadora brasileira “Amandinha” venceu recentemente o prêmio de melhor do mundo pelo terceiro ano consecutivo.

Com o advento da Seleção Brasileira da categoria principal, a Confederação Brasileira de Futsal (CBFS) [...] há uma necessidade de se expandir o futsal feminino em âmbito internacional, isso porque, para tornar-se uma modalidade olímpica, é necessário ser praticada pelos sexos masculino e

feminino. Frente a isso, o futsal feminino vive o seu mais bem-sucedido momento histórico (SANTANA; REIS, 2003, 47).

Apesar do grande sucesso, o futsal/futebol feminino enfrenta adversários não só dentro das quatro linhas. Um dos pontos que contribui para o preconceito com o futebol/futsal feminino é o fato de ser uma modalidade relativamente nova, pois as mulheres eram proibidas de praticar diversas modalidades, entre elas o futebol e o futsal. Essa proibição aliada ao fato do futebol ser o esporte mais tradicional do país e estritamente ligado aos homens, faz com que mulheres sejam estereotipadas como “mulher-macho” e que “futebol é coisa de homem”.

O suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, as competições, a rivalidade, os músculos exaltados, os gestos agressivos do corpo, a liberdade de movimento, a imagem das jogadoras, colocam-nas em questionamentos acerca de sua sexualidade, uma invasão na identidade sexual. A mulher que joga futebol não se encaixa no que é considerado normal, a heterossexualidade (GOELLNER, 2005, p.144).

Frequentando estádios e, principalmente, ginásios, devido a maior proximidade do público e atletas, é comum encontrar homens que, mesmo gostando do futebol/futsal feminino como esporte em si, ainda assim tecem comentários de cunho erótico, deixando evidente questões que envolvem gênero e sexismo.

Mais do que identificar quando o futebol/futsal feminino teve seu início no Brasil é importante dizer que essa inserção feminina no universo masculino é considerada uma transgressão ao passo que subverte a ordem de um espaço que não é apenas esportivo, mas também sociocultural que traz consigo outros valores embutidos, como o corpo erotizado, a graciosidade, a beleza e a sensualidade (GOELLNER, 2006, p.123).

Mesmo com o sucesso dentro das quadras e o crescimento notório do futebol feminino no país, possivelmente ele poderia ser ainda maior caso a modalidade recebesse mais apoio e divulgação da mídia, diferentemente do que ocorreu em outros países, onde o futebol/futsal feminino é mais valorizado, mesmo não possuindo a mesma quantidade de talentos que o Brasil, vide Marta e Amandinha.

Nesse contexto não é possível deixar de lado o papel desempenhado pela mídia. “Certamente, por interesses econômicos e não na tentativa de romper com os valores sexistas e discriminadores”, em meados da década de 1980, a televisão passou a exibir os jogos de futebol feminino (DARIDO, 2002, p.3) e tem interesse em atribuir maior projeção ao futsal feminino, diante da relevância política desse esporte na busca pela participação olímpica.

As identidades de gênero e os preconceitos presentes no discurso feminino do futebol estão impingidos na sociedade por uma construção histórica, ou seja, a identidade feminina nos padrões aceitáveis pode ser exemplificada pela mulher que pratica dança ou um esporte menos agressivo, como o voleibol.

Para melhor compreensão desse processo são necessárias reflexões acerca das relações de gênero presentes na Educação Física.

1.2 - O gênero e suas formas

A despeito das questões de gênero, neste tópico iremos abordar certos modelos de conduta e expectativa para homens e mulheres que são construídos socialmente através dos tempos e não determinados pelo sexo.

Um ponto fundamental dessas discussões é saber diferenciar gênero e sexismo, para assim, compreender melhor todas as questões que cercam a pratica de esportes, em específico do futebol/futsal, pelas mulheres. Em seu livro, assim definem Giddens e Sutton (2016, p.149): “[...] gênero se refere às diferenças psicológicas, sociais e culturais entre homens e mulheres, enquanto “sexo” se refere às diferenças anatômicas e biológicas entre os corpos masculinos e femininos”.

Tendo a compreensão dessa diferença, fica mais fácil perceber que alguns aspectos culturais que perduram até hoje, são claras questões de gênero. Antigamente, a ideia de família era associada às mulheres fazendo o trabalho doméstico e cuidando dos filhos, enquanto os homens tinham a responsabilidade de trabalhar para sustentar a casa, por ser considerado o ‘chefe” da família. Com o tempo as mulheres foram ganhando espaço no mercado de trabalho, mas ainda não com os mesmos privilégios dos homens.

Nesse contexto, Gabler (2015, p.195) define dois pontos importantes: a discriminação direta, onde as mulheres enfrentam discriminação de homens (e até mesmo de mulheres) que se recusam a contratá-las para cargos elevados ou se recusam a pagar o mesmo que um homem receberia e; um mercado de trabalho segmentado, onde há carreiras que são especialmente dominadas por mulheres (enfermagem, licenciatura) e outras dominadas por homens (trabalhos em construção, computação).

Para entender às diferenças de gênero, é importante compreender como são as instituições sociais que influenciam consideravelmente a perpetuação de uma cultura machista.

Diante disso, a respeito dos papéis específicos das instituições sociais na reprodução da dominação masculina, BOURDIEU (1999, p.103-104) afirma:

> O trabalho de reprodução esteve garantido, até época recente, por três instâncias principais, a Família, a Igreja e a Escola, que, objetivamente orquestradas, tinham em comum o fato de agirem sobre as estruturas inconscientes. É, sem dúvida, à família que cabe o papel principal na reprodução da dominação e da visão masculinas; é na família que se impõe a experiência precoce da divisão sexual do trabalho e da representação legítima dessa divisão, garantida pelo direito e inscrita na linguagem. Quanto à Igreja, marcada pelo antifeminismo profundo... ela inculca (ou inculcava) explicitamente uma moral familiarista, completamente dominada pelos valores patriarcais e principalmente pelo dogma da inata inferioridade das mulheres.... Por fim, a Escola, mesmo já liberta da tutela da Igreja, continua a transmitir os pressupostos da representação patriarcal (baseada na homologia entre a relação homem/mulher e a relação adulto/criança) e sobretudo, talvez, os que estão inscritos em suas próprias estruturas hierárquicas, todas sexualmente conotadas, entre as diferentes ... faculdades, entre as disciplinas ('moles ou duras' ...), entre as especialidades, isto é, entre as maneiras de ser e as maneiras de ver, de se ver, de se representarem as próprias aptidões e inclinações.

É muito natural que este processo de reprodução da visão androcêntrica se inicie na família, mas esta instituição parece cada vez mais limitada, do ponto de vista social, considerando que se reduziu o tempo de convivência familiar,

com as crianças ingressando bem cedo em creches e pré-escolas e lá passando mais horas do que em casa, muitas vezes para que a mãe possa trabalhar.

Mas além dessas instituições (família, igreja e escola), que funcionam como uma espécie de alicerce para a propagação de ideias de uma cultura antiga, temos alguns “conceitos” que são passados pela sociedade de uma forma geral, como por exemplo o nascimento de uma criança. Quando se trata de um menino, já recai sobre ele toda uma expectativa de “pegador”, de macho. A pintura do quarto deve ser azul, jamais podendo ser rosa, como se tal escolha fosse destruir as expectativas criadas. E quando o primeiro presente do pai é uma camisa do time de futebol para o qual ele torce e pouco depois uma bola de futebol, nesse momento surge a primeira influência da família nas escolhas do filho. Um pouco mais tarde, esse menino começa a brincar na rua sem sofrer muitas restrições dos pais.

Já em torno de uma menina paira toda uma aura de delicadeza e cuidados de uma princesa. As meninas ganham de presente, em vez de uma bola, bonecas e utensílios domésticos em miniatura. Além disso, são estimuladas a agir com sutileza e bons modos, a não se sujar, não suar, devem ficar em casa e ajudarem as mães nos trabalhos domésticos, e caso queiram brincar na rua, dificilmente os pais permitem quando há um grupo basicamente de meninos, tanto para evitar que a filha seja vista cercada de vários meninos, que poderia deixa-la mal falada por vizinhos, quanto para evitar que participe das brincadeiras “de homem”, como é o caso do futebol.

Daólio (2006, p.73) busca esclarecer as diferenças entre homens e mulheres, no que se refere às habilidades motoras, utilizando exemplos da vida diária. Essas características, isto é, o fato de uma mulher ser feminina, passiva e afetiva e um homem ser masculino, ativo e agressivo, pode-se entender como esse o conceito de natural e determinante para a construção de uma identidade de gênero.

O mesmo autor em outro estudo intitulado “A construção cultural do corpo feminino ou o risco de transformar meninas em antas”, ressalta a força da tradição de um determinado valor ou costume cultural no comportamento de uma criança Daólio (1995, p.103).

> Para uma menina assumir determinados comportamentos historicamente vistos como masculinos, como ser mais agressiva ou jogar futebol, implica ir contra uma tradição. Implica ser chamada de 'machona' pelos meninos ou ser repreendida pelos pais. Da mesma forma para um menino, assumir uma postura delicada, mais afetiva, e brincar de maneira mais contida implica ser chamado de 'bicha' ou 'efeminado'. Tanto para o menino quanto para a menina que contrariam a expectativa que deles se tem, há o peso de uma sociedade que os marginaliza [...].

Esses tipos de estereótipos impostos pela sociedade só atrapalham o desenvolvimento de uma determinada modalidade, pois acaba afastando possíveis interessadas. No caso do futebol/futsal feminino, que sofre um forte preconceito e generalização, muitas meninas desistem de praticar a modalidade por medo de serem estereotipadas. Assim como pais podem preferir incentivar a prática de outras modalidades consideradas mais femininas, vôlei por exemplo, para evitar que as filhas sejam caracterizadas por algo que não são, ou por medo da menina "virar" uma "machona".

Frente a essa desigualdade de gênero, utiliza-se seu conceito como igualmente empregado para identificar as relações sociais entre os sexos e segundo Joan Scott:

> O seu uso rejeita explicitamente as explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens têm uma força muscular superior. [...] é uma maneira de indicar as 'construções sociais': a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. [...] oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens. [...] coloca a ênfase sobre todo o sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado pelo sexo nem determina diretamente a sexualidade (1995, p.86).

Outra face que tem servido como parâmetro para distinguir a masculinidade da feminilidade são as diferenças biológicas entre os homens e as mulheres, sendo comumente utilizadas para justificar como "natural" um

conjunto de diferenças sociais relativas aos comportamentos, discursos e valores atribuídos a um ou outro sexo (DEVIDE, 2005, p.33).

Isso tem caracterizado um determinismo biológico que justifica as desigualdades de gênero a partir das diferenças biológicas “naturais”, endossando e legitimando as relações de dominação e os motivos de as mulheres terem menos acesso em atividades sociais em comparação com os homens, inclusive no esporte (DEVIDE, 2005, p.34).

A educação física sofre muito com a questão de determinismo biológico. Nas escolas, comumente se trabalha uma modalidade por bimestre. Com essa metodologia é normal ver meninos pedindo para mudar o vôlei para futebol, porque vôlei é “coisa de menina”, assim como quando é uma aula mista de futebol, muitos meninos não querem as meninas no seu time. Mas não por acharem que é coisa de homem ou que a menina é masculina, mas sim por achar que por elas serem mais frágeis e menos velozes, tê-las no time vai fazer com que o time perca.

Entender as relações de gênero permite compreender a relação entre sexualidade e poder, considerada aqui pelo binarismo masculinidade/feminilidade. A sexualidade é considerada como um fato social, enquanto condutas e como fundadora da identidade sexual (ANJOS, 2000, p.2).

A sexualidade traz consigo a heterossexualidade como norma, e dispõe homens e mulheres segundo a natureza. A subversão a essa ordem é chamada de homossexualidade, a qual é definida como a possibilidade que certos sujeitos têm de sentir os desejos ou relações físicas de cunho erótico por pessoas do mesmo sexo biológico (INÁCIO, 2002, p.63).

No futebol/futsal, como em outros esportes, mulheres atletas têm de lutar constantemente com a ideia de que sua feminilidade e graciosidade poderão estar mais em evidência do que seu próprio talento nessa modalidade esportiva.

1.3 - A Educação Física, seus estereótipos e o preconceito

A partir da década de 90 com a criação da nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 9394/96 e com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) 1997, a Educação Física começou a ter um lugar de prestígio.

Para os PCNs (1997), as aulas de Educação Física mistas podem dar oportunidades de meninos e meninas observarem-se, descobrirem-se e aprenderem a ser mais tolerante, não discriminar e compreender as diferenças, de forma a não reproduzir estereótipos das relações sociais entre os sexos.

As aulas mistas na Educação Física têm o intuito de priorizar as atividades para ambos os sexos, porém nem sempre são aulas coeducativas, pois a coeducação tem como objetivo levar o aluno a trabalhar as mesmas possibilidades e oportunidades, vivenciando as diferenças e semelhanças. Para Saraiva (1999, p.190) “[...] a concepção de coeducação, [...], nas aulas de Educação Física, as meninas e os meninos devem receber as mesmas atenções e vivenciar as mesmas práticas, desenvolvendo a compreensão de diferenciadas manifestações do agir esportivo”.

Jocimar Daólio (1995, p.104) afirma que “[...] a ação do professor de Educação Física, por mais progressista que seja, ainda não se liberou da dicotomia criada culturalmente entre o masculino e feminino”, como exemplo, a prática do futebol feminino dentro da aula de Educação Física ainda é vista com olhar de exclusão pelos professores e consequentemente pelos próprios alunos, em alguns casos.

Saber lidar com essa questão de gênero é uma das tarefas mais difíceis para um professor de educação física. Ao mesmo tempo que tem que preparar aulas onde haja uma interação entre meninos e meninas, deve ao mesmo tempo respeitar as características de ambos. E é devido a essa dificuldade que o mais comum nas escolas são aulas separadas entre meninos e meninas quando trabalham modalidades coletivas de maior contato físico.

Para Louro (2003, p.74-76) a Educação Física é uma disciplina que sempre teve uma preocupação com a sexualidade das crianças, visão da

masculinidade do menino no esporte sempre foi muito valorizado, quanto para as meninas o contato físico no jogo e as agressividades vão contra a feminilidade das mesmas.

> A Educação Física parece ser, também, um palco privilegiado para manifestações de preocupação com a relação à sexualidade das crianças. Ainda que tal preocupação esteja presente em todas as suas situações escolares, talvez ela se torne particularmente explícita numa área que está, constantemente, voltada para o domínio do corpo. [...] não se pode negar que ser o melhor, no esporte pode representar, especialmente para um menino ou um jovem, um valorizado símbolo de masculinidade. [...] por outro lado, ocupa-se de modo particular das meninas e afirma que os cuidados com relação à sua sexualidade levam muitas professoras e professores a evitar jogos que supõe 'contato físico' ou uma certa dose de 'agressividade'. [...] Agrega-se aí outros argumentos, como fato de tais atividades podem 'machucar' os seios ou órgãos reprodutores das meninas.

A visão de que o sonho dos meninos, hoje, é ser jogador de futebol, como um Messi, Neymar ou Cristiano Ronaldo e para meninas, por sua vez, o sonho de profissão é ser atriz ou modelo, sinônimo de delicadeza e sensualidade. Essa visão não é via de regra, porém remete a questão dos estereótipos associados ao homem e a mulher, impingidos a sociedade.

Essa divisão de papéis do homem e da mulher dentro da sociedade podem ser melhor entendidas através da estereotipia. [...] os estereótipos são imagens concebidas como as únicas possíveis de definirem algum objeto, pessoa, grupo social ou sexual, [...], desconhece, ou pelo menos ignora, as diversificações que possam ocorrer na configuração de um homem" (TOLEDO, et al, 1983, p.38).

A Educação Física expõe os estereótipos de gênero, por ser uma disciplina que promove a relação de contato e de movimento dos corpos. Ela não está isolada, pois quem a reforça é a escola, conforme aponta Rosemberg (1995, p.291).

> Se, de acordo com alguns estudos, a escola, quando comparada a outras instituições, parece constituir um dos espaços privilegiados de iniciação das mulheres em Educação Física e esportes, outros estudos assinalam, direta ou indiretamente, que a escola produz e reproduz

> condições para a permanência de papéis sexuais tradicionais no que diz respeito ao desenvolvimento das potencialidades motoras de meninos e meninas.

Elaine Romero (1990, p.67) desenvolveu uma pesquisa com professores de Educação Física buscando observar se os mesmos apresentavam estereótipos masculinos e femininos quando se reportavam a seus alunos. Apresentou a eles uma lista de adjetivos, pedindo que manifestassem concordância ou discordância em relação ao sexo. Os resultados foram interessantes e confirmaram o estereótipo sexual dos professores. Os alunos do sexo masculino tiveram os seguintes adjetivos considerados pelos professores como adequados ao seu sexo: agressividade, ativo, autoritário, capaz, dedicado ao lar, delicado, esportivo, forte (fisicamente), independente, líder e machista. Às meninas, foram associados os seguintes: atraente, decidida, elegante, meiga, responsável, sensível e vaidosa.

Vê-se que os professores de Educação Física sentem dificuldades em se libertarem de determinados preconceitos, seja por comodidade ou questões ideológicas, e começarem a propor uma prática que propicie as mesmas oportunidades a todos os alunos, meninos e meninas, respeitando as dificuldades e os interesses de cada um.

O tradicional é, além de separar os meninos das meninas, as modalidades ministradas não seguem um padrão único, mas sim um padrão adaptado a cada um dos sexos.

Tais atividades são escolhidas a partir de representações sobre os papéis masculino-feminino com base nos estereótipos sexuais de “homem forte” e “mulher sexo frágil” (DEVIDE, 2005, p. 62).

O preconceito é visto como uma forma de construção do outro, a partir da própria neutralização desse outro. Implica a negação do indivíduo diferente e, no mesmo movimento, a afirmação da própria identidade como superior/dominante. (NUNAN, 2003, p.59).

> De forma sucinta, o preconceito pode ser definido como uma atitude hostil ou negativa para com determinado grupo, baseada em generalizações deformadas ou incompletas. [...] esta generalização é

> chamada de estereótipo e significa atribuir características pessoais ou motivos idênticos a qualquer pessoa de um grupo, independentemente das variações individuais. Os estereótipos são ao mesmo tempo a causa e a consequência do preconceito, e ambos (estereótipo e preconceito) geram discriminação contra o grupo-alvo. [...] no que se refere à discriminação, esta pode ir desde um tratamento diferenciado, passando por expressões verbais hostis e de desprezo, chegando ou não a atos manifestos de agressividade.

No futsal/futebol feminino, o preconceito se apresenta de muitas maneiras, seja nas questões de gênero, mulheres não sabem jogar bola, nas questões do vestuário associado aos papéis de gênero, mulheres que se vestem como homens, ou ainda na sexualidade, mulheres que jogam futebol são lésbicas.

Entre os preconceitos e estereótipos que ainda cercam a prática das mulheres no futebol está a associação de sua imagem à homossexualidade. Esse preconceito da homossexualidade associado às jogadoras de futebol se apresenta, às vezes, como motivo de desconforto (GOELLNER, 2005, p.149).

Em um breve retrospecto, Nunan (2003, p.17) afirma que o estudo da homossexualidade tem sido particularmente intenso ao longo dos últimos 20 anos.

> Inicialmente dominado por antropólogos, este campo teórico extremamente fértil tem pouco a pouco incorporado perspectivas interdisciplinares que incluem as áreas de história, sociologia, comunicação e psicologia, entre outras. O renovado interesse por este tema se deve ao fato de que a cultura homossexual Ocidental tem sofrido mais mudanças nesse período do que em qualquer outro momento histórico, gerando para os homossexuais uma visibilidade com a qual o mundo moderno jamais teria sonhado.

A construção cultural do corpo feminino no esporte foi feita baseada em um padrão heterossexual, baseado na dominação masculina e submissão feminina a partir das diferenças biológicas, o que fez e faz com que as mulheres tenham que romper barreiras de gênero, embasadas em pressupostos biológicos que as situam como inferiores aos homens na prática esportiva, contribuindo para que elas necessitem transformar o próprio corpo, para

incluírem no universo da competição esportiva, construída com base nos valores em que elas estão em desvantagem, e que nunca teve como finalidade torná-las mais femininas, ao contrário dos homens, para os quais o esporte foi e tem sido um meio de construção da masculinidade.

No futebol feminino, as atitudes estigmatizantes ocorrem em relação a própria sexualidade, ao comportamento e à aparência das jogadoras. Aspectos estes que evidenciam o quanto o talento e o corpo de determinadas atletas provocam desconfianças, em especial aqueles cujo comportamento e aparência excedem algumas das fronteiras estipuladas como identificadoras da identidade de cada gênero. Talentos e corpos esses que, não raras vezes, carregam em si o estigma da imperfeição ou do desvio (GOELLNER, 2005, p.147).

Ao se discutir preconceito, discriminação, gênero, estereótipos e homossexualidade inseridos no futsal/futebol feminino, fica evidente a importância em esclarecer o conceito de homofobia, que de modo geral, se caracteriza por insultos, piadas, olhares reprovadores, agressão física e até assassinato contra gays e lésbicas.

Nunan (2003, p.78) define homofobia como “[...] atitudes negativas direcionadas a um determinado indivíduo (ou grupo) por causa de sua orientação sexual”.

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA

2.1 - Caracterização da pesquisa

Este estudo seguiu os procedimentos éticos recomendados de autorização das atletas e consentimento para a utilização das informações para fins de consolidação.

Na presente pesquisa, com características quantitativas, o enfoque do gênero no esporte teve apoio nos seguintes procedimentos metodológicos:

a) Revisão bibliográfica sobe questões correlatas envolvendo gênero, sexismo, homossexualidade, preconceito e discriminação feminina nos esportes;

b) Pesquisa de campo realizada em duas escolas, junto a dois grupos de meninas praticantes de Futsal feminino. As informações foram coletadas por intermédio de um questionário estruturado com 15 questões (anexo I). O questionário foi composto por questões abertas e fechadas, diretamente voltadas para os temas da revisão bibliográfica. A partir de outros temas como o envolvimento familiar, influência da mídia, o futsal nas aulas de educação física, foi possível contribuir para compor um conjunto de informações da pesquisa. Algumas questões constituíram espaço para descrição de opiniões, uma vez que estas perguntas eram de relatos de situações vividas na prática do futsal, sobre preconceito e discriminação feminina, homossexualidade e relacionamento entre as jogadoras;

c) Foi entregue às meninas das escolas um termo de confidencialidade garantindo a todas as participantes da pesquisa o sigilo das informações recebidas, comprometendo-nos a somente utilizá-las

para análise e discussão, vedando a divulgação total ou parcial, das respostas provenientes do questionário.

2.2 - Público-alvo e procedimentos de pesquisa

A pesquisa teve como público-alvo meninas que fazem parte das equipes de duas escolas do Distrito Federal, Colégio Adventista de Taguatinga e CEMAB – Centro de Ensino Médio Ave Branca, que disputam competições escolares no DF e pelo Brasil.

Antes da aplicação do referido questionário foi realizado um pré-teste geral (com algumas meninas praticantes de futebol em uma escola distinta) no sentido de melhor posicionamento e montagem das questões.

Para efeito da análise foram aplicados, ao todo, 30 questionários, no período de maio a junho de 2017. Os mesmos foram entregues nos dias dos treinos das atletas e numerados de 1 a 30, sendo 1 a 15 das atletas do colégio Adventista de Taguatinga e; 16 a 30 das atletas do Centro de Ensino Médio Ave Branca.

Para identificação das participantes como forma de revelar alguns relatos enriquecedores para a pesquisa, mas sem haver a necessidade de expor a identidade das jogadoras. Sendo assim, utilizou-se a sigla “JG” (jogadora) seguida do número correspondente.

A fim de adquirir respostas mais elaboradas e esclarecedoras, foram selecionadas meninas com maior faixa etária das equipes. Com isso, a média de idade das entrevistadas foi de 17 anos, sendo 16 a idade mínima e 18 anos a máxima. Sendo assim, a maioria das jogadoras ainda não possui a maioridade, ou seja, incapaz para os atos da vida pública como exercer direitos próprios de adultos.

Apesar de ter sido realizada em duas escolas, uma pública e outra particular, a pesquisa não teve o intuito de realizar um quadro comparativo entre as atletas e/ou o nível de apoio que as instituições dão à modalidade, mas sim, ampliar a amostra, tanto de meninas que praticam futsal, quanto de professores

de educação física para analisar a metodologia de mais de um profissional. Tal comparativo poderá ser objeto de estudo futuro.

Após ter os questionários respondidos, muitas jogadoras entraram em contato para tomar conhecimento dos resultados da pesquisa e se colocaram à disposição para conseguirem meninas de outras escolas para participarem do estudo, caso fosse necessário.

Alguns resultados obtidos pelo questionário foram organizados em tabelas, a fim de analisar em cada questão, a relevância da temática desta pesquisa. Além dos dados quantitativos, foram expostos na pesquisa relatos das atletas, mas nem todos, visto que algumas ideias, conceitos e opiniões, se repetem constantemente entre as respondentes. Isso foi verificado após uma análise de saturação das respostas, para identificar repetições.

A análise centrou-se nas experiências pessoais, no sentido de extrair informações e tirar elementos para concluir o estudo, considerando a teoria e as respostas das jogadoras. Vale ressaltar que o conteúdo das respostas às questões subjetivas foram mantidos na íntegra, sem correções quanto a linguagem utilizada a fim de obter fidedignidade e veracidade das situações descritas.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS INFORMAÇÕES

3.1 – Histórico no futsal

No que tange à pratica do futsal, foi perguntado sobre o tempo de prática da modalidade. Das 30 meninas, 24 mulheres jogavam há mais de cinco anos, duas praticavam há três anos e outras 4 há dois anos. A maioria das respondentes, 80% para ser mais preciso, demonstrou um grande tempo dedicado a esse esporte, o que lhes proporciona maior percepção dos aspectos técnicos e táticos que envolvem o jogo.

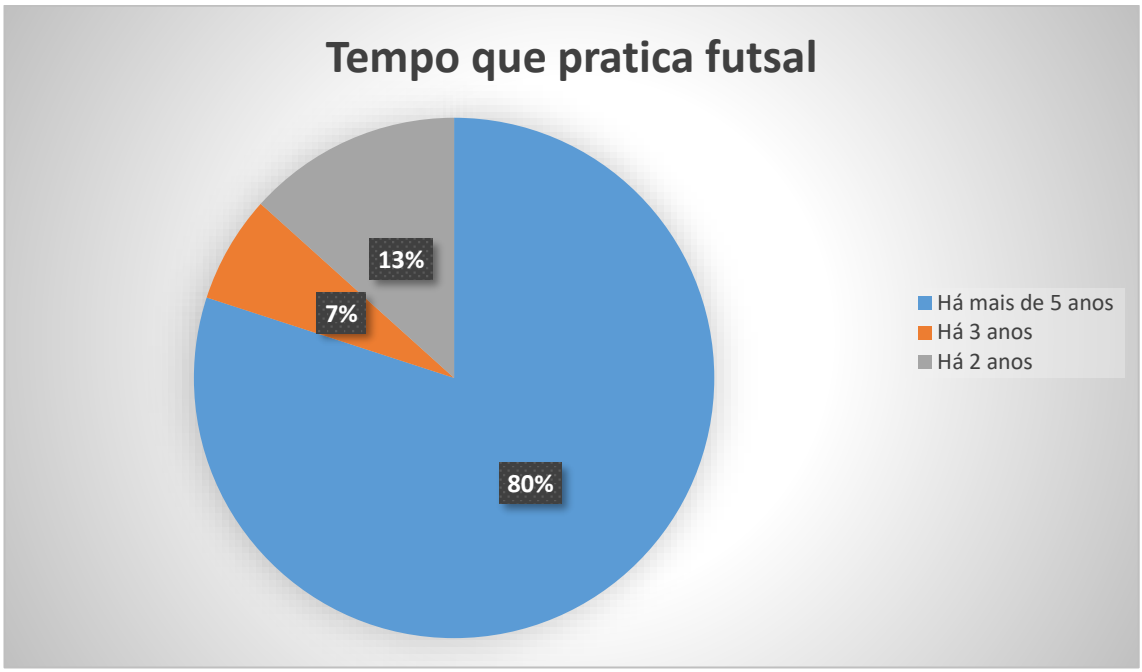

Gráfico 1 – Tempo que pratica futsal

Ao analisarmos como as meninas iniciaram a praticar a modalidade, as 30 participantes afirmaram que começaram jogando com meninos, ou seja, 100%.

”[...] gostava de jogar, mas quase nunca tinham meninas, então eu jogava com os meninos mesmo.” (JG7)

“[...] meu pai me levava em várias escolinhas, mas nunca tinha só de meninas. Aí as meninas que iam jogavam com os meninos mesmo.” (JG19)

Mas podemos notar que a modalidade vem evoluindo e ganhando maior notoriedade, aumentando assim o número de praticantes, quando 21 das respondentes afirmam que atualmente jogam apenas com meninas fora da escola. Algumas inclusive jogam em escolinhas voltadas apenas para o público feminino.

“[...] hoje jogo só com meninas em uma escolinha de futsal só pra mulheres.” (JG19).

Gráfico 2 – Prática fora da escola

3.2 – Ídolos e a influência da mídia

A respeito de terem um ídolo no futsal/futebol, algumas jogadoras citaram mais de um, por isso o número ultrapassa a quantidade da amostra.

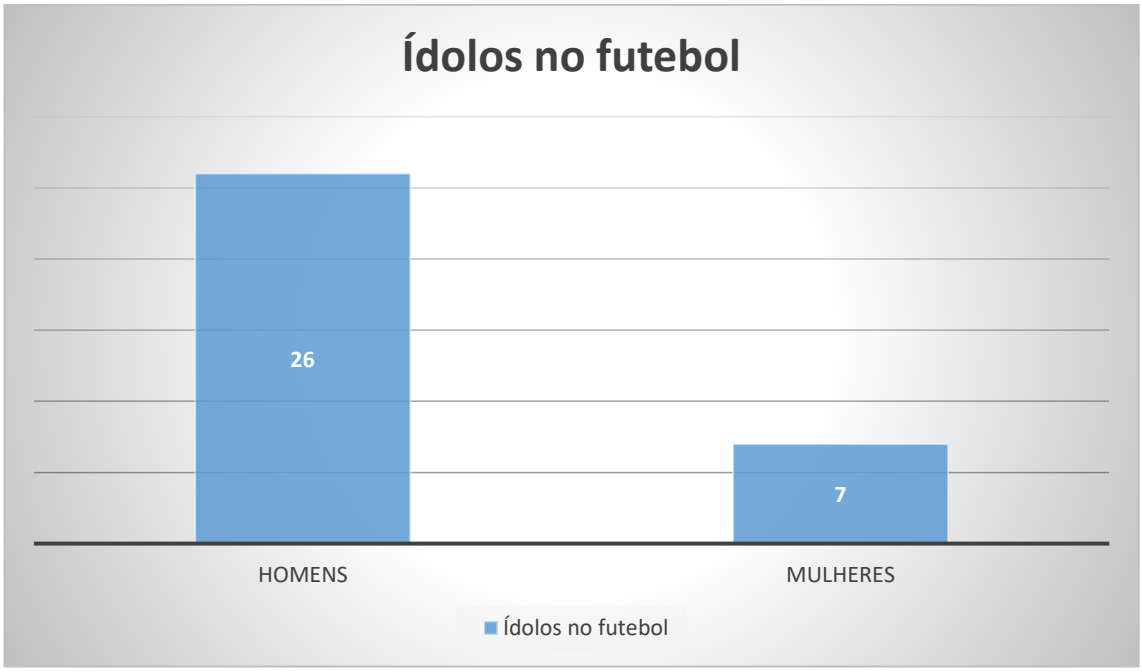

Tabela 1 – Ídolos no futebol

A Tabela 1 mostra que, dadas as desigualdades que marcam a atuação das mulheres em diversos campos, o futebol/futsal feminino profissional é pouco conhecido até mesmo pelas respondentes, visto que a maioria apontou homens como ídolo. Outro aspecto que chamou atenção foi o fato de somente um jogador de futsal ter sido citado: Falcão.

A mídia é capaz de modelar a sociedade através da produção e divulgação dos fatos, assim como afirma Nunan (2003, p.69):

> [...] a mídia (em geral) e a publicidade (em particular), tornam-se poderosos agentes de socialização e disseminadores de opinião, adquirindo um papel fundamental na construção e perpetuação de estereótipos, devendo, portanto, ser levadas em consideração durante qualquer tentativa de análise do fenômeno do preconceito.

Com a influência que a mídia tem, se ela voltasse mais atenção ao futebol/futsal feminino, não só os órgãos públicos de incentivo ao esporte, mas a própria sociedade, iria valorizar as mulheres tanto quanto os homens

futebolísticos. Porém, uma atenção voltada para a prática competitiva e de superação e não para o corpo das mulheres, como ocorre nos Estados Unidos com a criação de uma liga de futebol americano onde as mulheres jogam de lingerie.

Atualmente, o canal por assinatura, SporTV, está transmitindo o campeonato brasileiro de futebol feminino que foi criado este ano pela CBF. Apesar de ser um bom início para divulgar e promover a modalidade, no Brasil ainda são poucas pessoas que tem acesso a canais por assinatura. E foi exatamente a falta de transmissões de jogos pela televisão que foi apontada pelas meninas como o principal motivo para não acompanharem os jogos com mais frequência.

“[...] fica muito difícil acompanhar, porque não passa em lugar nenhum.” (JG13)

“[...] eu costumo ver alguns jogos de futsal quando são no ginásio perto de casa e quando tem jogo da seleção (feminina) aqui em Brasília.” (JG25)

Mesmo com a dificuldade em assistir jogos pela televisão, 18 meninas afirmaram que costumam assistir a jogos, número esse que sobe para 23 quando se trata de acompanhar jogos em ginásios e estádios, como mostra a tabela 2.

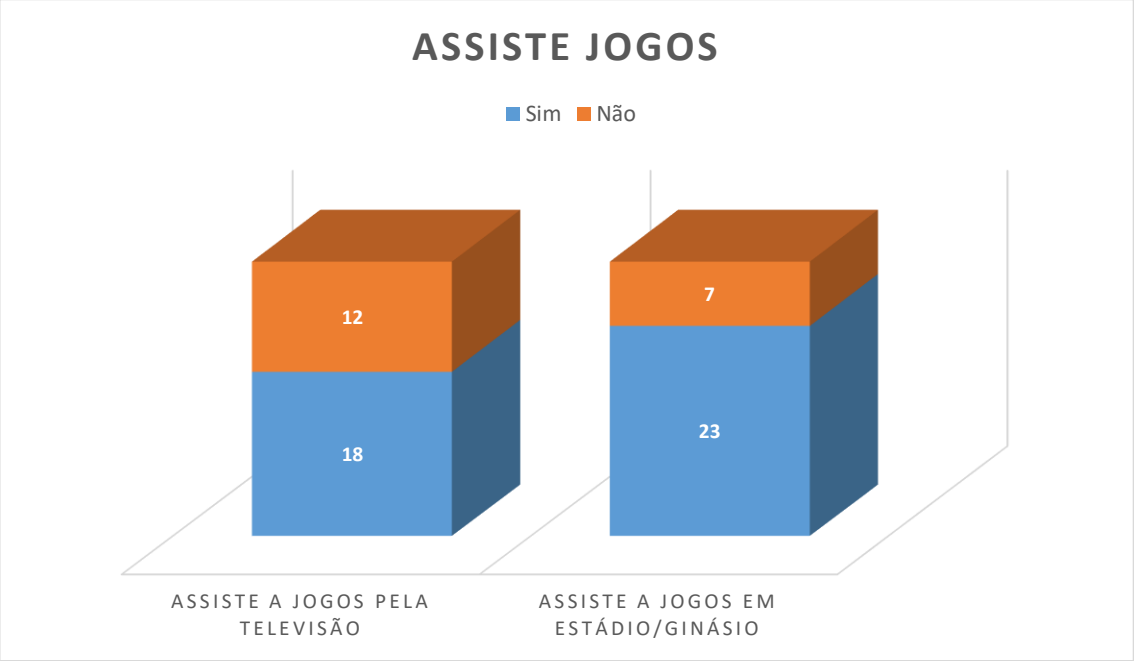

Tabela 2 – Assiste jogos

3.3 – Relacionamento com a Família

A família é o alicerce principal de uma pessoa. É sua base de sustentação. O incentivo da família é importante no desenvolvimento de qualquer prática esportiva e quando se trata de uma modalidade em que as praticantes são vistas de maneira diferente pela sociedade, seu papel se torna fundamental como apoio ou empecilho visto que é difícil permanecer praticando o futsal se existe o pensamento preconceituoso dentro da própria casa. Claro que existem casos, como alguns relatados na pesquisa, em que o apoio ou não dos pais não fazem com que as meninas desistam de jogar e, caso necessário, fazem escondido da família.

Em reportagem publicada no Jornal O Dia, no ano de 1997, a filha caçula de um dos mitos do futebol brasileiro, Garrincha, relata os vários esforços que fez para convencer a mãe a aceitar sua participação como atleta no universo do futebol: ”Ela só quer que eu arrume um namorado. Tem medo que pensem que eu sou sapatão.” (SILVA, et al, 1998, p.113)

Exemplos como este mostram que o estigma atribuído às jogadoras pela sociedade, infiltra-se no ambiente familiar muito mais pela sensação de vergonha dos pais pelo que os outros vão pensar de sua filha, do que pela prática do futebol/futsal em si. Enquanto a sociedade estiver pautada na masculinização do corpo da mulher que “joga bola”, a família terá dificuldade para abandonar o medo dos “perigos” presentes nesses esportes, como por exemplo, a homossexualidade.

E buscando analisar como tem se dado a participação da família, foi perguntado às jogadoras como era a participação de seus familiares no que tange à escolha delas pela prática do futsal. Surpreendentemente, 23 meninas disseram que recebem total incentivo, contra 2 que praticam escondido da família, além de 2 que responderam que a família é contra, mas permite, e 3 que marcaram a opção “indiferente”.

“[...] meu pai, principalmente, é o maior incentivador, sempre me deu a maior força.” (JG7)

“[...] minha mãe dá incentivo desde que não me atrapalhe na escola.” (JG25)

“[...] encaram como um esporte qualquer.” (JG26)

“[...] eles (pais) acham que futebol é coisa de homem porque é (esporte) muito bruto, aí não querem que eu jogue, mas jogo mesmo assim.” (JG28)

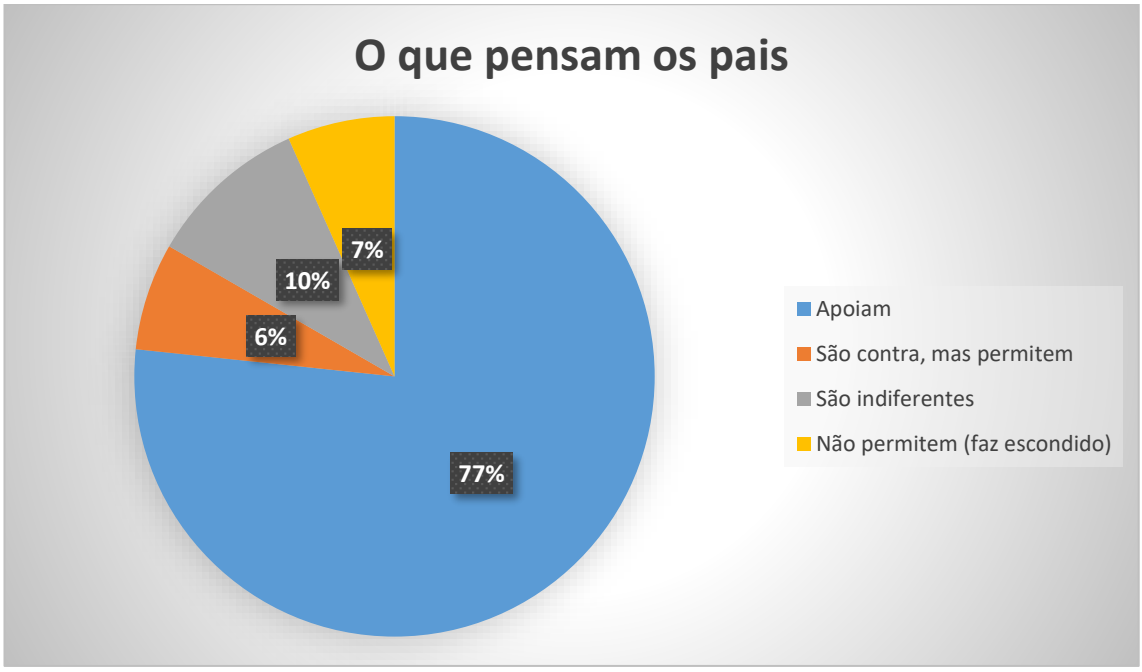

Gráfico 3 – Posicionamento dos pais sobre as filhas jogarem futsal/futebol

Como fica claro no gráfico 3, as famílias vem apoiando cada vez mais suas filhas a jogarem futsal/futebol. Corroborando com esse resultado, a fala do pai de uma das alunas deixa claro que algumas pessoas já encaram com mais naturalidade ver meninas jogando futebol: “[...] o futebol é um esporte como qualquer outro. Assim como tem homens que fazem balé tem mulheres que gostam de jogar futebol.”

A família é o ambiente social primário onde os atletas desenvolvem sua identidade, autoestima e motivação para o sucesso nos esportes. O bom desenvolvimento do atleta se deve, muitas vezes, ao encorajamento da família, atribuição de valores, além do apoio psicológico durante a carreira (VILANI; SAMUSLKI, 2002, p.9).

3.4 - Práticas corporais e o corpo feminino

As práticas corporais sofrem intensamente com os preconceitos e estereótipos impostos pela sociedade. É muito comum as pessoas caracterizarem determinadas práticas como masculinas ou femininas. No futebol, a mulher é encarada como uma intrusa em uma prática masculina, assim como na dança e na ginástica existe essa “comparação” em relação à participação masculina. Os homens são discriminados nesses campos, tais quais as mulheres que preferem as formas esportivas de lutas e jogos competitivos.

De acordo com Devide (2005, p.64), o esporte deve ser visto como um contexto importante para a humanização do ser humano.

> O mundo esportivo é uma arena importante para a socialização de crianças e adolescentes em relação aos valores da prática física, valores estes que precisam ser modificados e soltos das amarras estereotipadas dos papéis sexuais, que atribuem características masculinas ou femininas a determinados esportes e atividades físicas, delimitando, de antemão, os espaços destinados aos meninos e meninas que ingressam aos milhares, todos os dias, nos clubes, centros de treinamento, academias e demais espaços para a prática de atividades físicas e esportivas.

Mediante tentar entender como o professor de educação física tem lidado com a questão das diferenças de gênero, a presente pesquisa perguntou às atletas como o professor conduzia suas aulas, quando o esporte a ser trabalhado é o futsal. As participantes das duas escolas declararam o mesmo método utilizado por seus professores:

“[...] o professor incentiva a gente a jogar, mas ele separa. Não deixa meninos e meninas jogarem juntos, porque diz que os meninos são mais fortes, aí podem machucar as meninas sem querer.” (JG7)

Tal descrição está de acordo com a visão de DAÓLIO (1995, p.87), quando o autor aponta essa tarefa como difícil, principalmente para o professor de Educação Física na escola, respeitar as diferenças entre meninos e meninas e, ao mesmo tempo, propiciar a todos os alunos as mesmas oportunidades de prática corporal e desenvolvimento de suas capacidades motoras.

3.5 - Preconceito, discriminação, homossexualidade e Sexismo

Apesar da evolução e maior aceitação do futebol/futsal feminino, ainda existe um preconceito muito grande em relação à modalidade. Uma das formas desse preconceito nos leva a questões sexistas, o que não era o foco principal da presente pesquisa. Mas visando entender melhor tudo que envolve esse universo, ampliamos a área da pesquisa nos aprofundando mais nessa questão sexista.

O futebol, numa visão de esporte masculinizante, ao ser praticado por mulheres gera o preconceito por parte da sociedade e, mesmo com o aumento da prática do futebol, também nos espaços escolares, o preconceito não deixou de existir.

Diante desse fato foi perguntado às jogadoras se elas acreditam que há algum tipo de preconceito por jogarem futsal. Quando 28 praticantes disseram que sim, observou-se que o preconceito é um componente presente nas quadras e nos campos para essas mulheres, mesmo considerando a ascensão do esporte em relação à mídia e divulgação diante das recentes conquistas femininas.

Em outra questão procurou-se saber situações em que as jogadoras foram discriminadas. Foi uma pergunta em que as respondentes puderam relatar suas experiências, de modo que 22 jogadoras disseram ter passado por situação discriminatória.

"[...] eu já passei e já presenciei várias situações. Essa discriminação geralmente acontece por parte dos homens que xingam e fazem piadas." (JG16)

> "[...] as pessoas acham que o corpo feminino não tem força suficiente para poder jogar, assim como que as meninas que jogam tem fortes tendências homossexuais. Assim, sempre que conto pra alguém que gosto de jogar futsal, ou viro motivo de piada ou de discriminação homofóbica." (JG5)

"[...] todas as pessoas pra quem você diz que joga futebol ou futsal já acham que você é sapatão. Não tem jeito, principalmente mulheres homossexuais, elas são os piores." (JG7)

“[...] me falaram que era esporte somente para homem, e me chamavam assim.” (JG19)

Observando as respostas, algumas palavras estavam presentes na grande maioria dos discursos: “homens”, “mulher-macho”, “sapatão”, “piadas”, “xingam”, “homofóbicos”. Esses termos retratam a agressão por meio dos estereótipos e, de que maneira, geralmente, são executadas essas ofensas.

O ato discriminatório mais frequente partiu dos homens por meio de ofensas verbais, mas também foram citadas situações de discriminação por “meninas de outras modalidades” que não entravam no vestiário quando as “meninas do futsal” estavam lá.

Desta forma, Nunan (2003, p.70) ilustra que o preconceito entre dois grupos, neste caso os homens e as “meninas de outras modalidades”, “[...] pode ser reduzido quando ambos estão em igualdade de status e buscando objetivos comuns que só podem ser alcançados através de cooperação”.

Os homens, em sua maioria, veem as mulheres no futebol/futsal de forma sarcástica por acharem que é um esporte somente deles e se apoiam na visão cultural de que as mulheres são naturalmente frágeis e sensíveis, porque nasceram para cuidar da casa, e as que se opõem a isso são “sapatão”.

Outra visão interessante partiu de um dos meninos que estuda no colégio adventista: “[...] tem muito(s) muleque(s) que não gosta(m) de jogar com as gurias, porque se perder, levar um drible, todo mundo fica sacaneando”

Essa afirmação do garoto corrobora com o que (DARIDO, 2002, p.5) afirma:

> [...] auxiliam na discussão desta questão quando lembram que o papel do futebol feminino na escola representa, para os garotos, mais uma ameaça do que um desafio. A expectativa dos alunos de que práticas e espaços esportivos são dominados por meninos colocava-os, de certa forma, numa obrigação de serem superiores às meninas, as quais eram, consideradas más jogadoras, necessitando demonstrar o contrário se quisessem jogar com eles.

Embora a luta dessas meninas, superando todas as barreiras, sirva como exemplo das conquistas femininas no espaço da Educação Física e Esportes,

de uma forma geral, meninos têm mais espaço do que meninas, tanto no intervalo, quanto nas aulas de Educação Física ou de iniciação esportiva.

A palavra sexualidade não havia aparecido no questionário até que a JG13 citou “problemas quanto a minha sexualidade”, ou seja, o preconceito e a discriminação então são devido à orientação sexual das jogadoras?

Acredita-se que o preconceito está associado a vários aspectos, tanto em relação ao corpo da mulher, seja ele frágil ou masculinizado, quanto ao próprio futebol e às questões histórico-culturais, físicas e midiáticas embutidas nele, além do preconceito da homossexualidade.

A orientação sexual de jogadoras de futebol/futsal é constantemente indagada. Foi questionado às praticantes situações em que foram taxadas como homossexuais, de modo que 23 afirmaram terem enfrentado tal fato.

“[...] dentro do próprio ambiente familiar, meu pai se refere às jogadoras de futsal como gays.” (JG1)

> “[...] grande parte da sociedade tem o pensamento em que toda mulher que joga futsal é homossexual, na maioria das vezes em que passei por situação de preconceito foi ao fato de ser taxada de homossexual pelo simples motivo de ser atleta de futsal.” (JG12)

O relato da JG1 volta na questão da participação da família e do preconceito, no caso masculino, que parte do “pai”. Esse é um dos principais conceitos errados da sociedade: generalizar ao dizer que todas as mulheres que jogam futsal/futebol são lésbicas.

Essa situação segundo Emerson Inácio (2002, p. 74) é chamada de hibridização:

> Não se pode esquecer que os grupos e as identidades de seus membros devem sempre ser pensados sem generalizações. Apesar disso, o senso comum e algumas estratégias políticas tendem a generalizar os grupos com os quais estão em confronto direto, na tentativa de dominá-los com maior facilidade e pretensa eficácia. Assim, as relações entre os grupos são sempre estereotipadas, na medida em que um grupo elabore ele mesmo suas próprias identidades. Isso faz com que os estereótipos sejam sempre uma

> abstração negativa, pois as identidades de um indivíduo ou grupo são fantasiadas por outros.

Ao se destacar o relato da JG1 e a questão da generalização, faz-se necessário aqui a discussão do termo “rótulo”, pois este é na verdade, segundo Nunan (2003, p.62), um tipo particular de estereótipo.

> [...] em outras palavras, facilitamos nossas relações interpessoais se atribuímos aos outros determinados rótulos que nos permitam antecipar certos comportamentos. Atribuir um rótulo a um indivíduo distorce nossa percepção, pois nos predispõe a encontrar comportamentos que sejam compatíveis com o rótulo.

O discurso da JG1 ilustra essa rotulação, ou seja, somente o fato de uma mulher dizer que joga futsal/futebol, esportes estes rotulados como masculinos, é suficiente para a sociedade atribuir o rótulo de “masculina” a esta jogadora.

Em contrapartida, sete jogadoras responderam que não vivenciaram situação em que foram taxadas de homossexuais.

“[...] sempre fui bem definida, não fazia muita questão de ser amiga das que eu sabia que eram homossexuais, exatamente para não acontecer isso, acharem que eu também sou.” (JG13)

“[...] geralmente esse tipo de situação acontece devido a ignorância das pessoas. Na minha opinião isso depende também de como a jogadora se comporta dentro e fora da quadra.” (JG16)

O relato da JG13 chama a atenção por demonstrar uma atitude homofóbica de relacionamento quando diz “[...] amiga [...] das homossexuais, exatamente para não acontecer isso”, mostrando que dentro do próprio ambiente de convívio entre as jogadoras pode existir o preconceito.

Diante dessa discussão, Nunan (2003, p. 69) ressalta que entre grupos estigmatizados (entre eles os homossexuais), uma relativa desvalorização intragrupal não é incomum.

> Assim, talvez o fenômeno da valorização do próprio grupo ocorra apenas entre indivíduos que pertençam a grupos majoritários ou que sejam estereotipados de forma positiva. [...] a mera percepção de fazer parte de um entre dois grupos distintos (isto é, categorização social em

> si) é suficiente para provocar competição e discriminação a favor dos membros dentro do grupo.

A JG16 apontou o comportamento das jogadoras. Ela relata que dentro de quadra acontecem situações em que fica evidente a homossexualidade, visto que existe o assédio, as “cantadas” por parte de outras mulheres em jogos por lazer e até mesmo em competições.

Esse comportamento faz com que a sociedade massifique ainda mais a rotulação sobre as praticantes de futebol/futsal. Frente a isso, Nunan (2003, p.63) explica a interferência do rótulo diante de tal fato:

> O rótulo influencia enormemente nossa percepção do comportamento de um indivíduo, pois uma vez atribuído, nós temos a tendência a perceber seu comportamento de acordo com o rótulo imputado, mesmo diante de fatos que o contradigam.

Ao questionar se o futsal/futebol poderia influenciar na orientação sexual de uma mulher, 11 jogadoras disseram que sim.

> “[...] não acredito que toda mulher que joga futsal se torna uma lésbica, entretanto, o convívio com as homossexuais faz com que o preconceito praticado pela sociedade diminua, pois na quadra todas são iguais. Não há diferenças. Todas são mulheres. E isto faz com que elas fiquem em dúvida da própria sexualidade, pois de certo modo as barreiras sexuais são ampliadas a partir do momento em que o preconceito deixa de existir.” (JG5)

> “[...] conheço muitas meninas que viraram homossexuais por conviverem neste ambiente. Meninas mais velhas que tentam levar as mais novas, querem que quem não é, caia (como é dito nesse mundo). As meninas de cabeça fraca mudam muito depois que entram nesse meio. É um ambiente complicado. Tem que ter personalidade e muita cabeça pra saber lidar.” (JG8)

O discurso da JG5 aponta o convívio entre as mulheres de forma que este possa amenizar o preconceito e minimizar as barreiras entre a heterossexualidade e a homossexualidade. Pelo fato de os homossexuais ainda serem vistos como portadores de desvio de condutas morais, o convívio com as jogadoras homossexuais pode mostrar que todas são iguais independente da orientação sexual.

Esse mesmo convívio que ameniza barreiras pode trazer à tona a categoria “homofobia velada”. Essa apareceu para explicar como o convívio com homossexuais pode mascarar uma aversão para com os mesmos dentro de um mesmo grupo (ROSA, 2004, p.97).

Em contrapartida, a JG8 comenta sobre a influência pessoal, que faz com que as “meninas normais” (até então heterossexuais) “caiam” nesse “mundo”, o ambiente é favorável a “contaminação” das jogadoras que têm a mente fraca e acabam se influenciando pelas lésbicas.

Francis Madlener de Lima (2006), em sua dissertação de mestrado, fez uma análise dos discursos presentes nas falas do/s futuros/as professores e professoras de Educação Física no que tange a questão da diversidade sexual, mais especificamente a homossexualidade.

Os resultados de sua pesquisa mostraram que o medo de uma aproximação fora do espaço de convívio e de uma possível associação à imagem homossexual “[...] faz com que muitos afirmem não manter contato com ‘essa pessoa’ fora desse ambiente, chegando-se a afirmar inclusive que convivem ‘não como amigos, mas como colegas’ ” (LIMA, 2006, p. 60).

Para ilustrar o que aparece no discurso da JG8, Louro (1999, p.29) faz a seguinte comparação:

> Como se a homossexualidade fosse contagiosa e estivesse constantemente ameaçando a heterossexualidade dos sujeitos, a homofobia expressa-se pelo desprezo, pelo afastamento, pela imposição do ridículo. Como se a homossexualidade fosse contagiosa, cria-se uma grande resistência em demonstrar simpatia para com sujeitos homossexuais.

Na opinião de 19 jogadoras, o futsal não influencia na orientação sexual das praticantes.

“[...] pode ajudar, mas dependendo do que ela optar, não foi o futsal que a fez assim... mais sim sua personalidade.” (JG1)

“[...] conheço muitas meninas que jogavam e hoje constituíram família.” (JG11)

“[...] não precisa ser homem, ou ter comportamento de um, para jogar futsal! Mas de uma certa forma, o futsal é um esporte que pode atrair mulheres que já tem tendência a serem homossexuais.” (JG26)

A JG1 utiliza a palavra “optar”. O termo “opção sexual” é rejeitado principalmente pelos homossexuais visto que remete ao entendimento de que a homossexualidade seria uma escolha, assim como a heterossexualidade. “[...] Existe um momento em que se decide ser isso ou aquilo, existe sim um momento de assumir ou não uma identidade sexual” (ROSA, 2004, p. 98).

O processo de assumir a homossexualidade é comumente chamado de coming out (sair do armário) e no entendimento de Adriana Nunan (2003, p.126):

> Enquanto a homossexualidade em si não é considerada uma escolha, pode-se dizer que em um sentido mais profundo o indivíduo de fato escolhe tornar-se gay (isto é, adotar uma identidade gay) quando atravessa o rito de passagem conhecido como coming out. Sucintamente, coming out of the closet refere-se ao processo através do qual o homossexual revela sua orientação sexual a outras pessoas (sejam familiares, amigos, colegas de trabalho ou estranhos), tornando-se visível, culturalmente inteligível e desafiando abertamente o discurso sexual hegemônico.

A JG26 quando faz o seguinte relato: “pode atrair mulheres que já têm tendências a serem homossexuais”, incita o questionamento de que o futebol/futsal possa ser um local privilegiado ao impulso de experimentar novas possibilidades através de uma exaltação de uma homossexualidade abafada, ou seja, jogadoras lésbicas de um determinado grupo podem ser consideradas manipuladoras da construção da personalidade das outras mulheres, ou seja, surge o medo de que a homossexualidade seja contagiosa e que a homossexual possa ser uma transmissora.

Esse questionamento foi abordado nos resultados da pesquisa de Francis Lima (2006) em que discutiu a influência do comportamento dos professores/as homossexuais em seus alunos/as, momento em que “[...] 53% dos entrevistados disseram que essa poderia se dar no sentido de liberação de uma homossexualidade reprimida” (LIMA, 2006, p. 61).

Portanto, o futsal, na opinião das jogadoras citadas, pode não influenciar, mas não deixa de ser um ambiente desinibidor por atribuir às mulheres, características consideradas masculinas e ser um espaço em que as condutas homossexuais ficam evidentes.

O que a JG26 afirma remete a pergunta seguinte sobre o envolvimento das homossexuais nesse esporte. Em relação a essa questão, as 30 jogadoras concordaram que é um local em que a presença homossexual é notória.

> "[...] por que o futsal ainda é visto como esporte masculino, até bem pouco tempo o uniforme que o time feminino usava era o mesmo do time masculino, então é esporte com total característica masculina, e algumas meninas para serem aceitas no esporte acabam por se masculinizar." (JG2)

"[...] pelos momentos em que joguei foi o esporte em que mais me deparei com homossexuais." (JG10)

Essa unanimidade reforça a magnitude do preconceito da homossexualidade no futebol/futsal feminino. Preconceito este exaltado principalmente pelos homens, uma vez que haveria a possibilidade de subversão de uma posição de subordinação, a partir da negação do papel atribuído à mulher: subordinar-se, também, sexualmente, ao homem (ANJOS, 2000, 12).

A JG2 traz em discussão o fator estético, da não preocupação com o futebol/futsal feminino, levando em consideração o uniforme que, sendo o mesmo utilizado pelos homens, incita o "esporte masculinizante".

Altman (1998, p.32) ressalta que o esporte (como expressão do masculino) pode ser observado pela linguagem dos uniformes, que não apenas reproduzem uma determinada imagem masculina do esporte, como a constitui.

A JG 10, ao comparar o futsal a outros esportes, destaca a presença de lésbicas nessa prática, fato este que pode ser explicado ao ressaltar que o futebol/futsal é uma modalidade em que o contato físico, o combate e o uso agressivo do corpo são explícitos, servindo como reprodutor da hegemonia masculina (DEVIDE, 2005, p.76) e acaba por firmar uma auto-rotulação por parte das mulheres futebolísticas.

Nunan (2003, p.63) explica esse comportamento da auto-rotulação de um grupo que sofre preconceito:

> Indivíduos estereotipados, frequentemente cientes dos estereótipos imputados a seu grupo, acabam por desenvolver um alto grau de apreensão quando entram em contato com outros indivíduos, pois temem que seu comportamento espontâneo acabe por confirmar os estereótipos. A este fenômeno chamamos de ameaça do estereótipo.

Na opinião de 21 respondentes, o envolvimento no futsal feminino é maior entre as lésbicas.

“[...] acho q algumas homossexuais resolvem jogar por acharem q é um esporte mais masculino, mas acho q a maioria se transforma depois de estarem no meio.” (JG8)

“[...] quem mais se envolve no futsal são aquelas que gostam de jogar futsal.” (JG15)

A JG8 fala da influência do meio, ou seja, o futsal é um universo propício a “descoberta” das homossexuais por ser um esporte mais masculinizado que os outros, retornando no que foi exposto acima sobre a prática no futebol/futsal e sua relação com a homossexualidade.

A partir do que a JG15 relata pode-se inferir que ser homossexual é uma consequência não da prática do esporte, mas da própria condição da mulher que se assume homossexual e coincidentemente gosta de futsal, portanto, não se pode generalizar. O fato do futsal/futebol ser considerado masculino, não o torna “culpado” pela orientação sexual das jogadoras lésbicas.

O item seguinte queria identificar como a jogadora se sentia ao jogar com mulheres que sabe serem lésbicas. Somente uma resposta se diferenciou quando a JG26 diz depender da situação, tanto com o homem quanto mulher, o importante é não existir brincadeiras de mau gosto.

“[...] jogo tanto com homens como com mulheres e se estes vierem com gracinhas para o meu lado durante qualquer tipo de jogo eu fico muito incomodada, do contrário, encaro numa boa.” (JG26)

As outras 29 respondentes disseram que se sentem bem, relatando condições para isso.

“[...] não modifica em nada, minha relação com elas. Já conquistei meu espaço no meio, todas me respeitam e eu respeito a todas.” (JG8)

O que a JG8 afirma foi repetido frequentemente pelas demais, principalmente sobre respeito e amizade. O respeito que deve partir de ambas as partes, na hora do jogo todas são iguais e o que predomina é a relação de amizade independente da orientação sexual.

Uma equipe de futebol/futsal feminino se constitui em um grupo de mulheres em que estão presentes as construções de relações sociais, entre elas, a possibilidade que algumas têm de sentir diversos tipos de atração erótica ou de se relacionar fisicamente com outras mulheres dentro do próprio grupo ou não, assim como a relação de amizade entre elas.

As relações sociais que se estabelecem no interior desse grupo trazem problemáticas constitutivas das relações de gênero: igualdade/diferença, (in)visibilidade, proteção, exclusão, tolerância, preconceito e o respeito (TONELI, 2006, p.45), como foi citado pelas respondentes.

“[...] não me importo com a orientação sexual e sim com a pessoa em si e o relacionamento na prática do esporte.” (JG18)

“[...] não tenho nenhum preconceito em relação a isso. São pessoas como qualquer outra, só gostam de pessoas do mesmo sexo, o que não muda em nada minha relação com minhas amigas.” (JG25)

Nos dois relatos percebemos que entre elas há um respeito considerável e o preconceito da homossexualidade é percebido em poucas jogadoras. Pode-se fazer uma inferência de que a categoria respeito, se deve pelo fato de elas (homo e hétero) praticarem o mesmo esporte, pela convivência com as homossexuais ou por serem mulheres.

O preconceito não aparece para as jogadoras como algo relevante, que as faça desistir da prática esportiva, mas aparece como um fantasma, presente na maioria das narrativas, portanto, a principal constatação que se pode fazer é

que o preconceito ainda existe, seja pela família, grupo ou sociedade, seja por causa do corpo da mulher ou sua sexualidade.

A análise dos dados apontou para um aspecto interessante desse grupo investigado: apesar do ato discriminatório, segundo os discursos, partir dos homens, contraditoriamente, nas respostas das próprias jogadoras o preconceito esteve presente como fator implícito, ou seja, essa contradição acaba revelando que o pensamento preconceituoso nem sempre parte dos homens ou de mulheres de outras modalidades esportivas.

Embora este estudo tenha investigado uma representação mínima da parcela de mulheres praticantes de futsal/futebol no Brasil, através da análise dos relatos, observou-se que, as percepções de gênero, preconceito e homossexualidade foram apontadas na maioria dos discursos, fazendo com que a discussão com a literatura tivesse como ponto de partida a própria fala das respondentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo tratou da questão do gênero, do preconceito, da discriminação feminina na prática do futsal; além de questões relacionadas ao sexismo, inevitáveis, uma vez que esse esporte, como o futebol, ainda são vistos como espaços de dominação masculina na sociedade brasileira, especialmente, na escola. Desse modo, a pesquisa aqui encaminhada apontou elementos de análise visíveis, ocultos e relevantes, que merecem um aprofundamento futuro com novos estudos.

A fim de realizar uma análise mais profunda, as teorias foram de extrema importância. Com a bibliografia utilizada foi possível compreender as adversidades enfrentadas pelo futsal/futebol feminino, como a modalidade vem ganhando maior notoriedade com o passar do tempo e como a sociedade em geral vem reagindo ao crescimento do esporte.

Ao conciliar teoria e prática, vimos em GOELLNER (2005), por exemplo, um conceito elucidativo da questão do preconceito/discriminação/sexismo, como foi percebido nos dois grupos pesquisados nas escolas. Assim como foi possível constatar que as ideias apresentadas por DAÓLIO (1995) sobre as dificuldades enfrentadas pelos professores de educação física em integrar meninos e meninas durante as aulas que envolvem futsal correspondem à realidade vivida pelas atletas que praticam futsal/futebol nas duas escolas. Porém, pôde-se constatar também que alguns desses aspectos vem sofrendo mudanças graduais, mesmo que lentamente, em prol da modalidade.

No que se refere à pesquisa, propriamente dita, embora o conteúdo das respostas demonstre que há preconceito, de forma direta ou indireta, no futsal/futebol feminino, a pesquisa mostrou que, aos poucos a modalidade vem ganhando mais adeptas e maior notoriedade, que tem resultado em uma maior “aceitação” da população.

As indicações encontradas sobre o crescimento do número de praticantes, de acordo com os dados da pesquisa são: o maior apoio familiar e o surgimento de escolinhas de futsal voltadas apenas para o público feminino.

Ambos destacam-se por oferecer o incentivo e apoio necessários que essas meninas precisam para enfrentarem os obstáculos impostos por uma cultura de maior liberdade de escolha para os homens.

A partir do conteúdo das respostas das jogadoras observou-se também que a maioria tem ciência das relações de poder presentes no futsal/futebol. Poder este que, desigual, resulta das relações de gênero historicamente presentes na sociedade, o que faz com que as mulheres sejam colocadas como coadjuvantes da história do futebol.

Outro aspecto que se mostrou extremamente relevante foi a grande dimensão da homossexualidade na modalidade, notória quando a grande maioria das entrevistadas afirma haver um número elevado de lésbicas que praticam futsal. Além disso, o comportamento homofóbico de algumas atletas da pesquisa foi surpreendente, embora tenha prevalecido a compreensão e o respeito da maioria sobre a orientação sexual das homossexuais.

No que se refere as questões relacionadas ao sexismo na prática do futsal, vimos no conteúdo das respostas, que assumir abertamente a homossexualidade, como vem ocorrendo na sociedade em alguns segmentos sociais, no caso do esporte, ainda não se percebe isso, bem como, no que diz respeito à aceitação da diversidade de opções sexuais. Desta forma, deve-se questionar que tipo de educação é efetivada nas escolas, de que forma os/as educadores/as tratam as informações trazidas pela mídia e como estas informações são absorvidas pela sociedade.

Em relação à participação feminina no futsal/futebol, algumas mulheres “fogem” ao que convencionalmente é considerado como sendo próprio de seu corpo e de seu comportamento, questionam a dominação esportiva masculina historicamente construída e culturalmente firmada e enfrentam os preconceitos. Outras, no caminho oposto, moldam-se aos padrões masculinos de modo a não questionar os preconceitos, proclamado em atitudes, piadas, comportamentos, posturas corporais e discursos.

Mais do que analisar as posturas das jogadoras no futsal/futebol brasileiro, importa perceber que, apesar da crescente presença feminina na vida

esportiva do país, a situação atual das mulheres nestas modalidades, em especial o futsal/futebol, deve ser avaliada com prudência e respeito.

Mulheres esportistas frequentemente se deparam com a questão de como ultrapassar a barreira do que se espera culturalmente de seu comportamento feminino e os requisitos da vida esportiva. Para que isso não se torne um empecilho para a evolução da modalidade, é preciso que se pense o padrão feminino como um aspecto de discussão, uma vez que o entendimento de feminilidade vai além dos fatores estéticos do corpo.

Acredita-se que os programas de incentivo às mulheres no esporte devem estar focados na modificação das estruturas desiguais do contexto das relações de gênero, e não somente na preocupação de aumentar as oportunidades de prática a elas.

No Brasil, onde o futebol é uma identidade nacional, as mulheres ainda não têm visibilidade: é precária a estruturação da modalidade no país, pois são escassos os campeonatos, as contratações das atletas são eventuais e, praticamente, inexistem políticas privadas e públicas direcionadas para o incentivo às meninas e mulheres que desejam praticar esse esporte, seja como amadoras, seja como atletas.

Ainda há muito que se discutir sobre o futsal/futebol feminino, é um espaço pouco invadido por pesquisadores sociais e as informações aqui contidas são relevantes para outras pesquisas, principalmente pelo momento que a modalidade vive, com criação de leis obrigando times profissionais a terem equipes femininas e destinarem uma porcentagem de sua verba para o time feminino.

Vale ressaltar também que, hoje, são escassos os trabalhos na Educação Física que estudam a homofobia ligada ao esporte. Investigar mais a fundo a homofobia no futebol feminino, tanto por parte da sociedade como por parte das jogadoras e treinadores, é relevante para se compreender até que ponto as ofensas interferem no desempenho e na continuidade de atletas.

Enfim, em se tratando de Brasil, denominado o país do futebol, torna-se necessário pensar o quanto este esporte ainda é, para as mulheres, um espaço

a se conquistar, de forma a afirmar que este é também feminino. Um espaço de sociabilidade e de exercício de liberdades.

Para tentar explicar alguns aspectos abordados neste estudo, entre eles a desigualdade entre homens e mulheres no esporte e os preconceitos, vale levantar questionamentos como: Por que certas modalidades são destinadas predominantemente aos homens ou às mulheres? Por que as premiações em dinheiro são, em geral, maiores para homens se as mulheres competem sob as mesmas regras? Por que a mídia tende a fazer cobertura maior dos esportes masculinos? A quais fatores podemos atribuir a menor participação feminina nos esportes? Como a família interpreta a filha ou a mãe atleta? Como o esporte é utilizado para apresentar o poder e dominação masculina como natural e imutável? A heterossexualidade é algo fixo ou instável? Em que reside o medo da “contaminação” pelos homossexuais?

Por fim, pesquisas futuras que tenham como objeto a convivência e o envolvimento nesse ambiente cheio de preconceito, estereótipos, machismo, mas, sobretudo, de esforço, dedicação e muita luta, não só das atletas, como também de seus familiares, demonstra que, realmente, não só no esporte, o lugar da mulher pode ser onde ela desejar.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na educação física. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte,1998.

ANJOS, Gabrielle dos. Identidade sexual e identidade de gênero: subversões e permanências. Sociologias, Porto Alegre, n.4, 2000.

BRASIL, LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL Nº 9394/96.

BRASIL, PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, Brasília: MEC/SEF, 1997

DAÓLIO, Jocimar. Cultura: educação física e futebol. 2 ed. Campinas: UNICAMP, 2006.

_____. A construção cultural do corpo feminino ou o risco de transformar meninas em antas. In ROMERO, Elaine. Corpo mulher e sociedade (org.), São Paulo, Papirus, 1995.

DARIDO, Suraya Cristina. Futebol feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica. Revista Motriz, Rio Claro, 2002.

DEVIDE, Fabiano Pires. Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos. 1 ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2005.

FRANZINI, Fábio. "Futebol é 'coisa para macho'? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol". Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 25, n. 50, 2005.

GALER, Jay. Sociologia para leigos. Rio de Janeiro, RJ: Alta Books, 2015.

GIDDENS, Anthony; SUTTON, Philip W. Conceitos essenciais da sociologia. 1. Ed. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, 2005.

_____. Na Pátria das chuteiras as mulheres não têm vez. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, 2006.

GUEDES, Simoni Lahud. O Brasil no campo de futebol: Estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro, Niterói: EDUFF, 1998.

HEILBORN, Maria Luiza. Entre as tramas da sexualidade brasileira. Revista Estudos Feministas, Florianópolis: CFH/CCE/UFSC, n.01, 2006.

INÁCIO, Emerson da Cruz. Homossexualidade, homoerotismo e homossociabilidade: em torno de três conceitos e um exemplo. In Garcia, W. & Santos, R. (Org.). A escrita de adé: perspectivas teóricas dos estudos gays e lésbic@s no Brasil. São Paulo: Xamã: NCC/SUNY, 2002.

LIMA, Francis Madlener de. O discurso sobre a homossexualidade no universo escolar: um estudo no curso de licenciatura em Educação Física. Dissertação (Mestrado em Educação Física), UFPR, Curitiba, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade.In: _____ (org.). O Corpo Educado:Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

NUNAN, Adriana. Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo. Caravansarai: Rio de Janeiro, 2003.

ROMERO, Elaine. Estereótipos masculinos e femininos em professores de educação física. Tese (Doutorado em Psicologia). Instituto de Psicologia da USP, São Paulo, 1990.

ROSA, Marcelo Victor da. Educação Física e Homossexualidade: investigando as representações sociais dos estudantes do centro de desportos/UFSC. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Centro de Desportos, UFSC, Florianópolis, 2004.

ROSEMBERG, Fúlvia. A educação física, os esportes e as mulheres: balanço da bibliografia. In: ROMERO, Elaine. (Org.). Corpo, mulher e sociedade. São Paulo: Papirus, 1995.

SANTANA, Wilton Carlos de; REIS, Heloisa Helena Baldy dos. Futsal feminino: perfil e implicações pedagógicas. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, Brasília, v. 11, n. 4, p. 45-50, out. /dez. 2003.

SARAIVA, Maria do Carmo. Coeducação Física e esportes: quando a diferença é mito. Ijuí: UNIJUÍ, 1999.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Revista Educação & Realidade, Porto Alegre, v.20, 1995.

SILVA, Maria Cecília de Paula et al. Representação social do futebol feminino na imprensa brasileira. In: VOTRE, Sebastião José (ed). Representação social do esporte e da atividade física: ensaios etnográficos. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1998.

TOLEDO, Regina Antonia et al. A dominação da mulher: os papeis sexuais na educação. 2 ed. Petrópolis: Vozes. 1983.

TONELI, Maria Juracy Filgueiras; PERUCCHI, Juliana. Territorialidade homoerótica: apontamentos para os estudos de gênero. Revista Psicologia & Sociedade, Porto Alegre, 2006.

VILANI, Luiz Henrique Porto; SAMULSKI, Dietmar Martin. Família e esporte: uma revisão sobre a influência dos pais na carreira esportiva de crianças e adolescentes. In Silame Garcia, Emerson; Lemos, Kátia Lúcia Moreira. Temas atuais VII: Educação Física e Esportes. Belo Horizonte: Editora Health, 2002.

APÊNDICE

Instrumento

Universidade de Brasília

Faculdade de Educação Física

O intuito deste questionário é realizar um levantamento de opiniões para realização de uma pesquisa com a temática “Gênero, Sexismo e Futsal feminino”, objetivando a determinação de dados que possam melhor direcionar o estudo. A participação da atleta nesta etapa muito contribuirá para adequada continuidade da pesquisa. Certificamos a confidencialidade dos dados apresentados neste questionário. Agradecemos sua dedicação.

TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Garantimos a todos os responsáveis e às participantes da pesquisa “Gênero, Sexismo e Futsal feminino” a completa confidencialidade das informações recebidas, comprometendo-nos a somente utilizá-las para fins estatísticos de consolidação do estudo. Fica desta forma, vedada a divulgação total ou parcial, em caráter individualizado, das respostas provenientes do questionário.

_____

Tiago Costa Santiago

Acadêmico Educação Física UnB

Autor

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Autorizo a utilização das informações dadas neste questionário para fins estatísticos de consolidação deste estudo, desde que, seja nos moldes apresentados no termo de confidencialidade.

Assinatura Atleta/Responsável:_____

QUESTIONÁRIO

1 – Qual sua idade?

2 – Onde estuda?

3- Há quanto tempo joga futsal?

( ) menos de 1 ano

( ) 1ano

( ) 2 anos

( ) 3 anos

( ) há mais de 5 anos

4 – Costuma assistir jogos pela televisão e ou estádio/ginásios? E qual seu ídolo no futsal e/ou futebol?

5 – Começou jogando com meninos? Se sim, porque? E, atualmente, consegue jogar apenas com meninas fora da sua escola?

6 – Você já sentiu um tratamento diferente por parte de algum "grupo" de alunos pelo fato de você jogar futsal? Relate.

7 – O professor deixa meninos e meninas jogarem futsal juntos nas aulas de educação física? Relate

8 – Você já passou por alguma situação em que foi discriminada por jogar futsal? Relate.

( ) Sim

( ) Não

9 - Na sua opinião, ainda existe um preconceito por parte da sociedade quanto a meninas que jogam futsal? Justifique.

( ) Sim

( ) Não

10 - Acredita que o futsal tem mais envolvimento de meninas homossexuais que outras modalidades que tenha praticado?

11 – Você já foi taxada como homossexual por jogar futsal? Caso já tenha sido rotulada como homossexual, isso ocorreu por parte de meninos, meninas, meninas homossexuais ou ambos?

12 – Baseado no seu convívio, você acredita que no futsal há um número elevado de meninas homossexuais?

13 – Você acredita que o futsal de alguma maneira pode influenciar na orientação sexual de uma menina/mulher, considerando que é um esporte, historicamente, de dominação masculina?

( ) Sim

( ) Não

Comente:

14 - Você se sente à vontade jogando com meninas/mulheres homossexuais?

( ) Sim

( ) Não. Porque?

15 – Como é a participação de sua família/amigos em relação a sua prática do futsal? Assinale apenas uma alternativa. Relate a opinião deles sobre a modalidade.

( ) Dão total incentivo.

( ) São contra, mas permitem.

( ) São contra e não permitem (faz sem consentimento)

( ) São indiferentes